

A CRISE ECONÔMICA DE 2011

José Guilherme Silva Vieira

Pra começar, é preciso dizer que a crise econômica atual é a continuação da crise de 2008. Na realidade, um aprofundamento da mesma e ainda uma antecipação de outra que estava por ocorrer. Há anos que os economistas se perguntavam até quando resistiria o Estado de Bem estar social europeu. O endividamento crescente que sustentava políticas sociais invejáveis pela maioria dos países aliado a perda de dinamismo do capitalismo maduro – que se transferia gradualmente para as economias emergentes- deixava no ar uma pergunta: quando os europeus darão início ao ajuste ortodoxo (cortes de gastos, reformas na previdência e trabalhista)?

A recessão de 2008 e a ameaça de quebra da banca internacional antecipou esse problema fiscal ao "exigir" uma socialização da crise com a destinação de enormes quantidades de recursos públicos para sanear o sistema financeiro. As dívidas cresceram mais depressa que o esperado e os ajustes de gastos se fizeram necessários antes do que se esperava.

Nesse cenário, é fácil prever que serão necessários anos de doloroso aperto econômico em meio à crescentes desarranjos sociais que conduzirão a crises políticas de sustentação aos governos atuais. O desemprego irá aumentar e uma grande parte das riquezas financeiras desaparecerá como mágica – a mesma que as criou.

Com economias centrais fracas, as exportações dos emergentes irão diminuir. Não se engane: o Brasil vai sofrer impacto também. Aqui, ele será sentido com a diminuição do crescimento econômico interno e do crédito de tal forma que setores mais sensíveis a esses indicadores terão crescimento reduzido ou até queda de vendas

Preocupa-me o caso do setor imobiliário. Crescendo no embalo do avanço do crédito e do otimismo de uma classe média nova e cheia de expectativas, esse setor é o que provavelmente vai sentir os maiores impactos.

O desemprego tende a operar como um fantasma que deprime expectativas e otimismo – que se traduzem na redução da confiança do consumidor. A diminuição de crédito opera mais fortemente sobre os imóveis já que o setor é extremamente dependente de financiamento. Os preços elevados nesse setor não se sustentarão se o ritmo de vendas for afetado. Inúmeros projetos imobiliários se encontram ainda em fase de implantação e muitos deles têm como base o investimento especulativo – a compra para a venda por maior valor. Numa tentativa de realizar os lucros, muitos investidores podem optar por antecipar vendas e aí o preço dos imóveis tenderá a se reduzir.

A inadimplência é outro fator que joga contra o nosso processo de crescimento. Seja ela motivada por um aumento do desemprego ou mesmo pelo encarecimento de juros devido a uma fuga de capitais – e é cada vez maior a parcela de recursos estrangeiros no Brasil alocada em investimentos de portfólio - ela tende a operar no sentido de encarecer as taxas de juros finais

É uma crise de anos, não será abrupta, acredito, mas será prolongada e forte, muito forte.

O derretimento dos preços das ações nas bolsas é reflexo disso. Por Valuation, o preço justo de uma ação reflete as expectativas de dividendos (que são parte dos lucros das empresas) descontadas para o momento presente. Assim, se se espera dividendo menor, o preço da ação deve se reduzir para se ajustar. Não é errada, portanto, a queda de preços.

A **JANELA ECONÔMICA** é um espaço de divulgação das idéias e produção científica dos professores, alunos e ex-alunos do Curso de Economia das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

- Cada artigo é de responsabilidade dos autores e as ideias nele inseridos, não necessariamente, refletem opensamento do curso.
- O objetivo deste espaço é mostrar a importância da formação do economista na sociedade.